

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII N. 11

1966



HOTEL REX

BLUMENAU

SANTA CATARINA



100 APARTAMENTOS

dotados de todo o confôrto.

BLUMENAU **em CADERNOS**

TOMO VII



N.º 11

Carlos FICKER.

OS PRIMEIROS DIAS DE JOINVILLE

ALGUNS SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA

«COLÔNIA DONA FRANCISCA»

Em prosseguimento á "HISTÓRIA DE JOINVILLE" (2ª edição, Joinville, Impr. Ipiranga, 1966) e aos estudos feitos com tantas minúcias e destinados principalmente àqueles que conservam o nome ou o sangue dos que foram os pioneiros da sua terra natal, divulga-se êste trabalho com abundância de detalhes.

Sôbre Joinville e a Colônia Dona Francisca daquela época, existem várias descrições e muitos dados, que, sem dúvida, hão de servir para fornecer os elementos necessários ao estudo de uma sociedade sob os mais variados ângulos e aspectos sociais ou econômicos.

Daí o interêsse com que se observam os aspectos culturais do primeiro tempo da colonização européia, com características tão peculiares, em confronto com a sua influência sôbre a região de habitação puramente lusitana.

As informações e os documentos transcritos a seguir, foram colhidos em buscas minuciosas nas bibliotecas e nos arquivos de Bremen, Hamburgo e Marburg, na Alemanha, e de Basel, Bern e Zuerich, na Suíça. Do material encontrado foram tirados micro-filmes para a devida divulgação histórica.

É de todos conhecido o fato que, antes da fundação da "Colônia Dona Francisca", hoje Joinville, a Sociedade Colonizadora em Hamburgo, enviou um engenheiro para escolher as áreas disponíveis de 8 léguas quadradas nas terras dotais do Príncipe de Joinville, em Santa Catarina. A 22 de maio de 1850 chegaram o engenheiro Herrmann Guenther, o Sr. Leonce Aubé

na sua qualidade de representante do Príncipe, o cozinheiro Monsieur Duvoisin e mais duas famílias de colonos contratadas no Rio de Janeiro, no local da futura "Colônia Dona Francisca" (vide «Blumenau em Cadernos» Tomo 5º p. 86).

Um morador da região, o Coronel Vieira, ofereceu os seus serviços e escravos para derrubar a mata virgem e abrir as primeiras clareiras. Construíram-se, em seguida, dois ranchos espaçosos, nas margens do riacho ali existente e preparava-se o chão para as primeiras plantações de mandioca, feijão e milho. Temos hoje conhecimento dos trabalhos preliminares desses pioneiros através da correspondência de Léonce Aubé com o Imperador Dom Pedro II e transcrita na "História de Joinville".

Otras informações valiosas foram encontradas, recentemente, na "Landesbibliothek" de Bern (Suíça). Acontece que os primeiros relatórios sobre as atividades do engenheiro Guenther no núcleo colonial, foram enviados por êste ao Cônsul Geral da cidade livre de Hamburgo no Rio de Janeiro, Sr. Arthur Guiguer. Em novembro de 1850 o Sr. Guiguer, que também exercia as funções de "Representante da Sociedade Colonizadora" e "Vice-Cônsul da Suíça" no Rio de Janeiro, regressava a bordo do "Paquet-boat" de Falmouth com destino a Hamburgo via Londres. De lá enviou o primeiro relatório sobre a "Colônia Dona Francisca" com as informações recebidas por Guenther:

"Londres, 6 de dezembro de 1850. Ilmos. e Exmos. Srs. Diretores da Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo.

"Antes de prosseguir viagem a Hamburgo, acho oportuno enviar-lhes as últimas notícias recebidas dos Srs. engenheiro Guenther e Léonce Aubé da Colônia Dona Francisca antes da minha partida do Rio de Janeiro.

"Posso afirmar que foram tomadas todas as iniciativas necessárias para preparar o local da futura colônia para a recepção dos primeiros colonos. Foram iniciadas as primeiras derrubadas e foi localizada e determinada a área para a futura cidade de Joinville. Construíram-se ranchos espaçosos e algumas casas particulares. O primeiro povoado da colônia encontra-se a beira de um riacho, em lugar alto e sêco e afastado dos terrenos úmidos e lodosos.

"Já foram feitas as primeiras colheitas de feijão e batatas. Vosso engenheiro e o agente de Príncipe de Joinville confirmam ambos a qualidade excelente das terras para a agricultura e o plantio de café, mandioca, batatas, trigo, feijão, arroz etc.

"Meus Senhores! Posso afirmar que foram tomadas tôdas as providências necessárias para garantir um futuro feliz e próspero para os moradores da Colônia Dona Francisca. Posso, ao mesmo tempo, assegurar-lhes a benevolência das autoridades da Província para com o vosso engenheiro e a impaciência com que se esperam os primeiros colonos europeus. Também Sua Majestade, o Imperador, aguarda, como tive a oportunidade de ouvir, os resultados positivos da colonização dessa região. Dentro de 14 dias estarei em Hamburgo para relatar pessoalmente mais alguns detalhes sobre o andamento da "Colônia Dona Francisca"

Vosso mais afetuooso Servidor

Ass. Arthur Guiguer".

Semelhante carta com as mesmas informações, Guiguer endereçou, na sua qualidade de Vice-Cônsul da Suíça, ao Supremo Conselho da Suíça, confirmando as excelentes condições da futura colônia norte catarinense, para o recebimento de colonos suíços.

Conhecemos, hoje, os verdadeiros motivos das descrições entusiásticas de Arthur Guiguer em relação á Colônia Dona Francisca: aproveitando as suas relações com a Cia. Colonizadora em Hamburgo, e tornando-se representante da emprêsa no Rio de Janeiro, Guiguer adquiriu grandes áreas de terras na futura colônia e pretendia a instalação de uma colônia particular com colonos suíços.

Foi assim que, atendendo a uma propaganda intensa na Suíça e na Alemanha, pôde iniciar-se, em fins de 1850, o movimento colonizador para a nova Colônia Dona Francisca.

Antes da partida, porém, dos primeiros colonos contratados pela Sociedade Colonizadora em Hamburgo, o Cônsul Geral da Suíça no Rio de Janeiro, Sr. Perret Gentil, publicara no "Intelligenzblatt" da Suíça, um veemente protesto contra a Sociedade Colonizadora em Hamburgo e contra o sistema da colonização em geral no sul do Brasil. Acontece que o Cônsul Perret-Gentil, por sua vez, tinha adquirido a concessão de vastas áreas na



Primeiros ranchos primitivos da Colônia Dona Francisca, em 1851

Província de São Paulo (após 1853 Província do Paraná) para iniciar uma colonização com elementos suíços pelo sistema societário. Daí a contra-propaganda. Basta dizer que a imprensa suíça da época comentava largamente os motivos que levaram o Vice-Cônsul Arthur Guiguer às suas manifestações positivas sôbre a colonização européia no sul do Brasil enquanto que o

Cônsul Geral Perret-Gentil condenava e criticava a emigração à Colônia Dona Francisca.

Surgiam, com estas controvérsias, as primeiras dúvidas em Hamburgo quanto ao relatório positivo do engenheiro Guenther, sôbre os preparativos adequados na colônia para o recebimento da primeira leva de imigrantes. Em officio endereçado ao novo representante da Sociedade Hamburguesa no Rio de Janeiro, Sr. Hermann Liebich, o velho senador Schroeder recomendava uma inspeção rigorosa do local da futura colônia, antes do embarque dos primeiros colonos europeus.

Ao mesmo tempo e, em viagem de negócios, passava pelo Rio de Janeiro o filho do senador Schroeder, visitando a agência paterna "Christian Matthias Schroeder" e seu procurador, Sr. Liebich. Resolveu então o Sr. Eduard Schroeder, inspecionar pessoalmente os preparativos feitos no empreendimento colonial e partiu, acompanhado de um amigo seu, Sr. Doutor H. Koestlin e um servente negro, a bordo do patacho costeiro "PEREIRA", em direção de Santa Catarina. Chegaram a São Francisco do Sul, após uma viagem penosa de 8 dias, a 28 de janeiro de 1851. Fortes ventos contrários e temporais impediram a entrada na barra do pôrto.

Sua visita tinha por fim apenas, observar a situação em que se encontrava a colônia. Na sua chegada os esperava a primeira desilusão. É que nada havia sido feito praticamente, para acolhimento dos primeiros colonos. Eduard Schroeder, vendo o fracasso da missão do engenheiro Guenther, dispensou-o imediatamente, assumindo a direção do pequeno núcleo colonial. Permaneceu o filho do senador Schroeder, até outubro de 1852 na colônia, assumindo as atividades administrativas como diretor.

O Dr. Hans Koestlin esteve na colônia durante 7 semanas, voltando a bordo da barca "COLON", a 28 de março de 1851.

Tornou-se o Dr. Koestlin um dos primeiros cronistas de Joinville. Em carta endereçada ao velho senador Schroeder, em Hamburgo, o médico conta tudo o que viu no empreendimento colonial na primeira fase da sua instalação. Presenciou Koestlin a chegada do primeiro navio imigratório "COLON" e a vinda dos 74 noruegueses a bordo da sumaca "GLÓRIA DOS ANJOS", e do iate "PENHA", a 7 de março de 1851. Na sua carta, publicada posteriormente no "Hamburger Nachrichten", de 26 de dezembro de 1851, o Dr. Koestlin relata o seguinte:

"A 28 de janeiro (de 1851) chegamos a bordo do patacho "PEREIRA" no Pôrto de São Francisco, eu, e o Sr. Eduard Schroeder. A viagem durara 8 dias e já a 25 de janeiro avistamos a barra do Paranaguá. Fortes temporais rechassaram o nosso barco por duas vêzes e nos obrigaram a cruzar diante da barra de São Francisco durante dois dias.

"A cidade de São Francisco é pequena mas de boa impressão, situada junto a uma baía larga e rodeada por colinas esverdeadas e cobertas de densas matas virgens. Uma igreja alta e caiada de branco, uma rua beijando a praia, os jardins com touças de bananeiras e laranjeiras, os navios ancorados no pôrto e ainda as montanhas da serra distantes do continente, nos proporcionam um panorama encantador. . . . existem aqui muitas casas comerciais e um açougue. . . ."

Em seguida o Dr. Koestlin relata uma visita à antiga "Colônia do

Sahy", fraccassada em 1843. Sòmente os fundamentos de uma serraria restam do empreendimento colonial francês. O velho sino do falanstério encontrava-se na Colônia Dona Francisca, chamando os trabalhadores para o serviço. Em passeio a cavalo, o Sr. Léonce Aube mostrava aos dois viajantes as redondezas da vila de São Francisco.

"Em 1º de fevereiro" — continua o Dr. Koestlin — "partimos em um dos barcos do nosso navio em direção á Colônia. O percurso através da baía faz ver numerosas pequenas ilhas, quais sejam, a "Ilha Redonda", a "Ilha Comprida", etc., cuja base rochosa é o reino de ricas estirpes de aves. Filizes de garças brancas, azuis e mesmo vermelhas, assim como patos d'agua, habitam essas paragens e os rochedos que aí se encontram espalhados. Enormes quantidades de pequenas aves aquáticas amarelas habitam os ares. Ao longo vê-se as pitorescas montanhas da serra e a impressionante queda do Pirahy que, distante quatro milhas das praias, se lança estrondosa e espumante serra abaixo.

"Depois de ser ter saído da baía e tendo-se atravessado a pequena lagoa de Saguacu, ingressa-se no rio, em cujas margens há arbustos de mangue, sinal certo de terras pantanosas e sujeitas à maré. Mas, dentro em breve, a margem se torna mais elevada à esquerda e a mata tropical, em sua virginal beleza, recobre solos sêcos. Centenas de palmitos dão prova de que a gente se encontra no Brasil, a pátria das palmeiras.

"A partir da confluência do Bucarein e do Cachoeira, onde se inicia a região da Colônia e onde se entra no Rio Cachoeira, as margens se aproximam mais e mais, a floresta se curva por cima das águas e as colinas se achegam — e justamente nesta confluência, até onde as embarcações costeiras podem chegar sem maiores dificuldades, pretendia-se erguer a cidade de Joinville e futuramente também será transferida para êste local para evitar o caminho fluvial demasiadamente longe do núcleo colonial atual, no "Ribeirão Mathias", onde existe um pôrto e onde foram feitas as primeiras plantações.

"Com a maré alta, chegamos em uma hora na Colônia, que naquela época, em fevereiro, ainda se encontrava em estado primitivo; uma roça a beira do rio e perto da mata virgem duas pequenas casas, uma do Sr. Aubé e outra do seu servente. Mais afastado as duas casas maiores de recepção para os colonos, e mais adiante duas choupanas pertencentes ao colono Peter Schneider. Um caminho cruzava uma arrozeira e atravessava o "Ribeirão Mathias" em direção aos dois ranchos rústicos, passando por cima de duas pontes de madeira. Pequenos pomares aos dois lados do ribeirão apresentavam plantações de mandioca, milho, café, batatas, bananais, algodão, laranjeiras em agrupamentos espalhados pela clareira.

"Só existiam duas famílias de colonos, Peter Schneider e sua esposa e um barão sueco com esposa e uma filha, além de nós dois e do nosso servente Diogo, um negro livre que nos acompanhou desde o Rio de Janeiro. Durante sete semanas eu fiquei hospedado no rancho grande, acompanhando e observando os trabalhos na Colônia e passando o meu tempo com a leitura da Bíblia e os contos de Heine, — os únicos livros da biblioteca local.

"Chegamos à Colônia em pleno verão e não encontrei muita caça. Os animais descem a Serra Geral sòmente em princípios do inverno. Eu vi

muitos periquitos, papagaios e tucanos. No inverno as matas estão habitadas por onças, porcos selvagens, veados e uma infinidade de espécies de aves coloridas. Dizem que no Rio Cachoeira existem jacarés, porém nunca eu consegui avistar um exemplar apesar que o Sr. Schroeder e o Sr. Aubé depararam com um animal morto na viagem que fizeram à São Francisco de canoa. Mesmo assim o capitão do nosso patacho costumava tomar o seu banho calmamente no mesmo rio.

“Os incomodos das zonas tropicais não são exagerados. Acostumando-se das picadas de insetos, as cobras não oferecem grande perigo, pois existem remédios muito efetivos e, em geral, as serpentes fogem dos passos pesados dos europeus. Contra os índios, ou bugres, eramos bem protegidos por um destacamento de soldados da guarnição de Santa Catarina. Oito guerreiros do Destêrro estão aquartelados no rancho meio caído á beira do “Ribeirão Mathias”. São êles muito pacíficos e mansos, comportando-se magnificamente bem, limitando-se o seu serviço na descarga simultânea das carabinas, uma salva de manhã e outra descarga ao anoitecer. Durante o dia êles costumam beber cachaça, divertindo-se alegremente. Os índios, ou bugres, em grande quantidade (dizem que são mais de 2000) infestam as terras do sul de São Paulo (hoje Paraná) e as matas de Santa Catarina; êles pertencem a tribo dos Botocudos. O médico francês de São Francisco, Dr. Deyrolles, enviou recentemente dois botoques ao Museu de Paris. As armas dos bugres são arcos compridos de 8 pés e tacapes pequenos com que quebram os crâneos dos inimigos com perícia extraordinária. Êles nunca atacam durante a noite e fogem dos homens e das armas de fogo. No Rio Itapocu um caçador brasileiro conseguiu afugentar 27 bugres com a espingarda na mão, quando percebeu que a arma estava descarregada. Também no Rio Itajaí os bugres cometem atrocidades incursões e correrias. Nunca, porém, atacaram o Dr. Blumenau, conhecido meu, de Itajaí e homem de grande estima e consideração, sendo a sua opinião sôbre o assunto de grande competência.

“Apesar do verão, não sinto muito calor. O termómetro nunca ultrapassa 22° (Reaumur) na sombra. É verdade que chove muito, as vêzes 4 e 5 dias em seguida, tornando o mato intransitável. Sômente os caçadores brasileiros conseguem alguma caça, como aves e macacos. Uma excursão organizada pelo Dr. Deyrolles, Sr. Niessen, o nosso capitão brasileiro e mais alguns negros e um caçador, destinava-se à Lagoa Bonita e fracassou completamente. Por falta de sapatos adequados, eu não acompanhei pessoalmente essa caçada. Pretendiam os caçadores corajosos permanecer no mato durante dois dias, construir um rancho provisório e viver da caça. Porém, já na mesma noite do primeiro dia, êles voltaram completamente enlameados, com as roupas rasgadas e mortos de cansaço. Só um dêles conseguiu tomar uma xícara de chá, antes de dormir. Os cinco pequenos pássaros que trouxeram mal serviam de comida para os cachorros.”

Continuando na sua descrição da nova Colônia Dona Francisca, o Dr. Koestlin refere-se à escolha do terreno mais alto e sêco para a construção da futura cidade de Joinville, condenando o local da atual aglomeração de ranchos do núcleo colonial por ser demasiadamente baixo e úmido em dias de chuva. Em seguida descreve a maneira cabocla de construir um rancho sem emprêgo de ferramentas mais especializadas ou pregos de ferro, sômente com auxílio do machado e enxada.

Continua o Dr. Koestlin: "Ainda não existe gado *vacum* na Colônia por falta de pastos que ainda estão para fazer, como tantas outras coisas antes da vinda dos primeiros colonos europeus. Os primeiros trabalhos foram empreitados com moradores da redondeza, que vieram acorrer para oferecer os seus serviços. Gente simples, pacífica e boa, êles gostam muito de falar, às vêzes sem contar à verdade; as vêzes um pouco preguiçosos, porém sempre amáveis e sem malícia. Os que moravam perto, vieram de canoa, apresentando um aspecto pitoresco a chegada de uma turma de camaradas, todos vestidos de branco e com chapéus de palha, na cintura uma bolsa de couro e todos armados com espingarda, pedindo trabalho do "Seu Eduardo". Os que moravam mais distante, alojaram-se no rancho da Colônia. Então, á noite, ouvimos as suas canções folclóricas com textos improvisados, elogiando o Sr. Schroeder ou o Sr. "Cônsul", como era chamado o Sr. Aubé. Em dias de chuva êles dispararam as suas armas e beberam cachaça. Nunca eu vi gente mais amável e simpática. Um trabalhador brasileiro sempre anda com a sua espingarda tipo "Luettich" e nunca perde a oportunidade de atirar e disparar a arma. Certa ocasião nós praticamos o esporte do tiro ao alvo, quando alguns instantes depois responderam as armas de fogo dos soldados e logo em seguida as espingardas dos caçadores brasileiros. Desenvolveu-se um tiroteio que agradou todos os presentes. O disparo de tiros e estampido de bombas e rojões, aliás, é típico para os povos que vivem na natureza, principalmente em dias de festas religiosas.

"Iniciaram-se, em seguida, os primeiros trabalhos na Colônia Dona Francisca. Assistido pelo Sr. Eduard Schroeder mandou abrir a primeira rua do pôrto em direção aos ranchos da Sociedade Colonizadora, (a hoje Rua 9 de Março). Em seguida abriu-se uma via de comunicação desta rua com os ranchos dos colonos (os dois colonos contratados no Rio de Janeiro, Schneider e Knorring; a hoje Rua Visconde de Taunay). Partindo deste lugar, foram abertas três picadas nas matas fechadas, uma em direção do planalto de "Corityba" com a finalidade de ligar a Colônia com a província de S. Paulo e garantir o abastecimento da colônia com gado e carne sêca. Ao mesmo tempo construíram-se pontes sôbre o "Ribeirão Mathias" e foram retificadas as curvas do seu percurso em direção ao Rio Cachoeira, para encurtar a via fluvial para as canoas e melhorar o desaguamento do ribeirão.

"Nestes trabalhos fomos surpreendidos agradavelmente pela visita do meu patrício de Braunschweig, Sr. Franz Sallenthien, colono do Rio Itajaí, e Sr. Carl Pabst, naturalista e diretor da coleção científica em Santa Catarina (Florianópolis). Um primo do Sr. Sallenthien era colega meu na Universidade de Jena, na Alemanha. Que alegria de encontrar aqui no mato, um homem formado.

"Alguns dias depois, o Sr. Léonce Aubé mandou fazer um levantamento topográfico do alto Rio Cachoeira e resolveu-se dinamitar algumas pedras e rochas no meio do leito do rio, que impediram a navegação livre.

"As casas de recepção para colonos foram renovadas e caiadas, permitindo o alojamento de pelo menos 130 pessoas. Ao mesmo tempo o Sr. Schroeder mandou plantar grande quantidade de bananeiras e laranjeiras. Não se esqueceu a armazenagem de grande quantidade de gêneros de primeira necessidade na "Venda" da Colônia, como mantimentos, pólvora e chumbo, medicamentos e velas de cêra, machados, enxadas e outras ferramentas.

Quantas mercadorias, eu pessoalmente, negocieei na dita "Venda" e quantos "matabichos" vendi no balcão aos colonos, até que o "Barão" (von Knorring) assumiu a direção do estabelecimento e do "Magazin".

"Se faltavam mercadorias, embarcávamos em canoas à São Francisco, onde permanecíamos na casa do Sr. Aubé até a maré permitir regressar à Colônia. Passaram-se os dias tranqüilos e sem maiores preocupações.

"Finalmente, a 23 de fevereiro, recebemos a notícia da vinda de mais ou menos 70 noruegueses que tinham desistido de prosseguir viagem quando o seu navio entrou avariado no pôrto do Rio de Janeiro e resolveram radicar-se na Colônia Dona Francisca. Às pressas foram preparadas as acomodações para o recebimento dos primeiros imigrantes e o Sr. Schroeder mandou construir mais dez casas pequenas gemeadas. Infelizmente o palacho nacional com os noruegueses, chegou no mesmo dia no Pôrto de São Francisco como a barca "Colon", despachada de Hamburgo com os primeiros colonos europeus, a saber a 6 de março de 1851. Mais de 190 pessoas ao mesmo tempo!

"Sòmente o nosso servente negro Diogo encontrou a maior satisfação no preparo de 190 refeições. Que alma amável e que coração fiél, êsse nosso velho Diogo! Incansável como cozinheiro, marceneiro, e carpinteiro, Diogo estava sempre disposto a trabalhar. Como antigo escravo de uma senhora de Hamburgo, êle não teve outra preocupação senão de voltar a Hamburgo para oferecer novamente os seus serviços aos seus antigos donos.

"Com a chegada da barca "Colon", o Sr. Aubé dirigiu-se a bordo do navio, ancorado no pôrto de São Francisco, para trazer aos imigrantes, cansados da longa viagem, as primeiras frutas frescas, leite, pão, manteiga e outros mantimentos. Apesar da chuva que caía, os colonos fizeram questão de desembarcar, para alcançarem a Colônia o quanto antes possível o mesmo acontecendo com os noruegueses, apesar que as dez casas pequenas ainda não estavam tôdas prontas.

"Foram então armadas algumas barracas de lona e durante 14 dias alojaram-se provisoriamente os homens mais fortes e robustos dos noruegueses nestê local, pouco confortável e úmido.

"Mal abrigados, começara a chuva tropical durante tôda a primeira metade do mês de março, trazendo em consequência da umidade e do calor, verdadeira onda de mosquitos e rãs. Durante as noites não cessou o zumbir dos mosquitos, o coaxar das rãs e sapos e outros barulhos estranhos no mato, dando aos colonos recém-chegados a impressão que os brasileiros, nem à noite, paravam de cortar lenha e derrubar árvores. O sol da manhã seguinte acabou com as ilusões noturnas, provocadas por mosquitos e rãs,

"Reinava a mais viva alegria, quando chegavam as mulheres e moças no núcleo colonial. Os velhos marujos e os homens concorreram nas suas atenções e galanterias, oferecendo-lhes pequenos presentes e bolachas. Uma das mulheres adoeceu de comer tanto bôlo, o que provocou ciúmes e inveja nas outras.

"O trabalho nas roças e na construção dos caminhos, porém, acabou logo com êstes gracejos, consequência da longa viagem e da preguiça. A presença de uma grande quantidade de crianças na Colônia, tornou o am-

biente alegre com as suas brincadeiras, gritarias, jogos e banhos no riacho. Um cachorro grande e sem raça determinada, nascido nas ruas de Hamburgo, e alguns pequenos cachorrinhos mestiços completaram o quadro pitoresco do nôvo estabelecimento colonial, perdido no meio da mata virgem.

“Para tôda essa gente era preciso fornecer comida e o Sr. Schroeder tomou logo as suas providências. Vieram de São Francisco as canoas lotadas com mantimentos, carne sêca, cachaça, frutas em grande quantidade. A compra de 13 bois para o abate completaram os preparativos para uma grande festa popular em sinal de gratidão e homenagm da boa chegada dos primeiros imigrantes. Sob a presidência do Sr. Eduardo Schroeder, Sr. Léonce Aubé e do Cel. Vieira, iniciaram-se os festejos no rancho espaçoso transformado em «Salão de baile», com a presença da «Elite» dos moradores da redondeza e até de São Francisco do Sul. Reuniram-se, na mais completa harmonia e na mesma mesa, os alemães, suiços, noruegueses, franceses e brasileiros. Foram entoadas canções típicas de cada país e os discursos improvisados foram aplaudidos com salvas de palmas.

«Terminou a festa com descargas simultâneas das carabinas e espingardas. Os moradores de São Francisco confessaram que a vida na Colônia Dona Francisca, desde já, apresentava muito mais divertimento e alegria do que na sua própria cidade. Após um último «fandango» na casa do Sr. Aubé, êles montaram as suas conoas e voltaram à São Francisco.

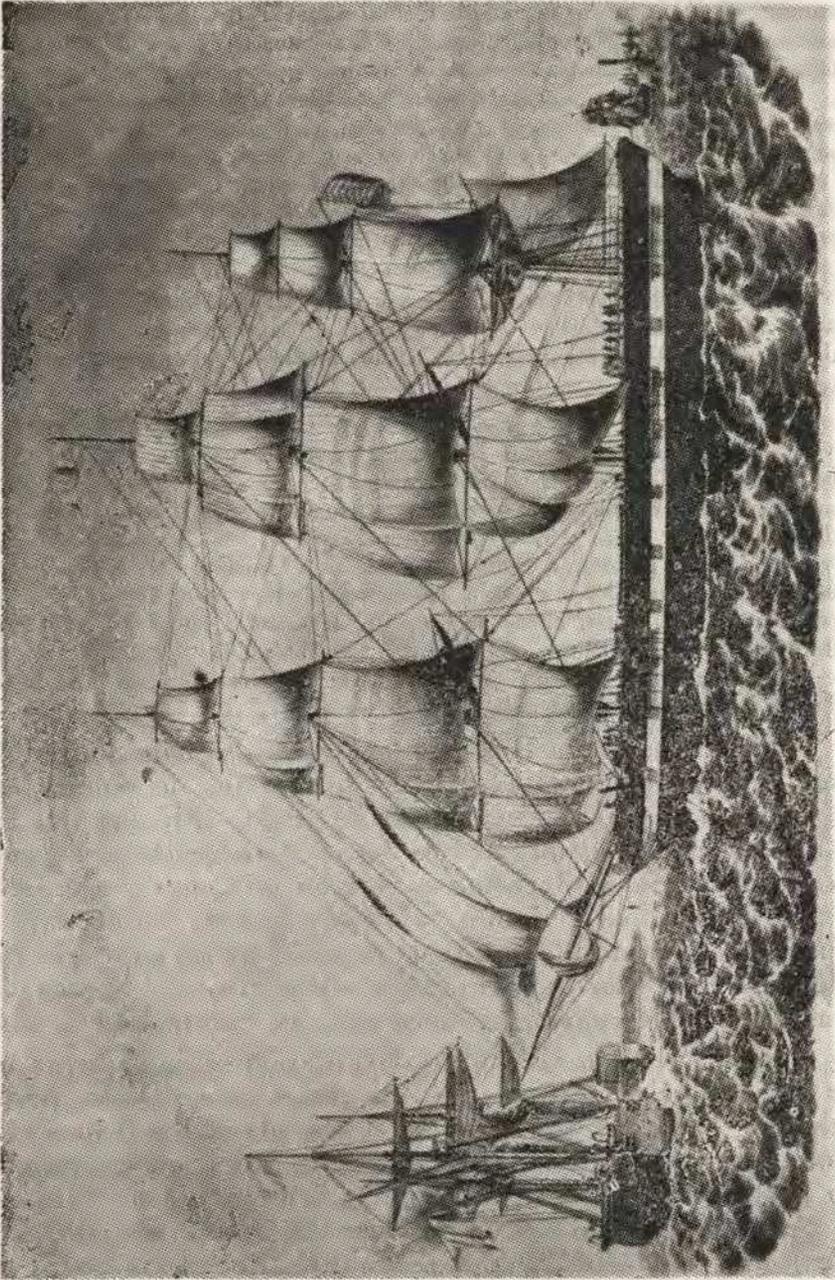
«Os elementos que mais conseguiram harmonizar o ambiente e tornar a festa um sucesso, foram, sem dúvida, o Sr. Moerikofer, de Bern, e o farmacêutico Boehlicke e sua mulher, de Flensburg. Vieram com os noruegueses o médico Dr. Moeller, de Thorsoe e seu companheiro Cristendahl, de Kongsberg. Ambos formavam a nossa roda de mesa nas refeições. O nosso oficial do destacamento de soldados começou um namôro com uma mulher suiça; não era moça bonita, mas velha e sólida. Desapareceram cada dia mais barreiras da nacionalidade.

«Logo após a descarga dos navios, começaram os trabalhos da limpeza da roça e a demarcação de terrenos e lotes para os diversos colonos. Alguns noruegueses resolveram montar uma olaria. Diariamente observava-se um progresso, novos vestígios do trabalho e novos empreendimentos. Quando, em fins de março, embarquei a bordo do «Colon» para a viagem de regresso, levantaram-se noite após noite as colunas de fumaça de 15 a 20 fogos de queimadas, um aspecto promissor de breve povoação e cultura das matas virgens.

«O jardim do Sr. Aubé, um pomar que se estendia da sua casa até as margens da floresta (a casa era chamada de «Palácio») ainda não estava sendo plantado, quando parti da Colônia. Eu soube agora, que o Sr. Aubé já conseguiu a primeira colheita de algodão.

«Espera-se, em breve, um comércio animador com os produtos da Colônia e a praça do Rio de Janeiro. Apesar do movimento de navios no Pôrto de São Francisco, levando farinha de mandioca, não se pode contar com os negociantes de São Francisco, com a sua falta de iniciativa e moleza.

“O vapor entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, que até o presente só faz escala no Destêrro, em breve também aportará em São Fran-



Barca três-mastros «Olbers», em 1850.

tempo recebemos como presente da Sociedade Evangélica de Berna, uma bíblia para cada pessoa.

No dia 7 de dezembro recebemos a boa notícia da chegada do Sr. v. P. (trata-se do Agente da Sociedade Colonizadora Hamburguesa, na Suíça, Sr. Paravicini) com mais 50 emigrantes de Schaffhausen, todos bem dispostos, homens e mulheres acostumados de trabalhar no campo e muitas moças solteiras. Mais 35 alemães vieram no dia 9 de dezembro, formando um grupo de homens, mulheres e crianças. Finalmente chegou a ordem de partida, no dia seguinte. Duas lanchas a vapor levavam a nossa bagagem e os passageiros a bordo do "Colon", um três-mastros sob bandeira norueguesa, muito bem arranjado, com mais ou menos 25 pés de largura e 95—100 pés de comprimento. Não quero contar as dificuldades que tivemos com a carga e descarga das lanchas em pleno inverno sob uma chuva fria e ventos úmidos.

Éramos 124 passageiros, dos quais sete acomodados no camarote e demais no tombadilho inferior. Havia vários lavradores, dois comerciantes, dois alfaiates, alguns tecelões, um boticário, dois mestres carpinteiros com suas mulheres, que também iam tentar o futuro no Brasil.

De acôrdo com o nôvo regulamento nos navios imigratórios, também no nosso veleiro as refeições foram oferecidas pela Cia. de Navegação. Antigamente cada família cozinhava individualmente para si, com os próprios mantimentos trazidos na bagagem. Assim os nossos passageiros comiam em turmas de mesa, cada mesa com 8 pessoas. Logo no dia seguinte do embarque, recebemos as primeiras refeições a bordo. Durante a semana consistiam em café pela manhã e chá de noite, sem leite e sem açúcar. Para o almoço recebemos uma sopa, carne salgada ou defumada, almôndegas de toucinho com chucrute ou verduras. Tudo em perfeito estado e em quantidade suficiente. Uma vez por semana cada turma de mesa recebeu do cozinheiro uma ração de açúcar, manteiga salgada e "Zwieback" (pão torrado).

Ficamos, assim, no Rio Elba, em frente de "Gluecksstadt", esperando um vento favorável e o nosso capitão, de nome Carl Hassel, que ainda não se encontrava a bordo. Finalmente, no dia 15 de dezembro, levantamos os ferros para iniciar a viagem, quando o vento mudou de rumo e obrigou o "Colon", a regressar ao seu ancoradouro, frente a "Gluecksstadt". Passamos mais quatro dias a bordo do navio, no meio do rio e do frio intenso de dezembro sem fogareiro para aquecimento. Nossas camas e as refeições tornavam-se único meio de não morrer de frio.

No dia 19 de dezembro levantaram-se novamente os ferros e com as velas desfraldadas, chegamos à noite no pôrto de Cuxhafen. Ventava bastante, de modo que não pudemos sair do pôrto e a força do vento aumentou. Um navio inglês que entrou no pôrto nos deu notícia de uma tempestade no Mar do Norte. Assim o "Colon" ficou novamente retido no pôrto de Cuxhafen, até hoje dia 26 de dezembro. Remeto a todos os amigos na Suíça os melhores votos de um Feliz Ano Novo.

ass.: Carl Moerikofer

É interessante notar, que o colono suíço Carl Moerikofer, de Berna, sua mulher Magdalena e seus 4 filhos, constam como passageiros N° 1 — N° 6 no manifesto marítimo original, rubricado pelo então Cônsul Geral do Brasil em Hamburgo, Sr. Marcos Antônio de Araujo. A mulher de Moerikofer, Magdalena, com 36 anos de idade, faleceu na Colônia Dona Francisca, a 21 de abril de 1852 em consequência de uma epidemia. Na sua função de professor de primeiras letras, Carl Moerikofer enfrentou o problema educacional, dando aulas para os filhos dos colonos. Fracassou, porém, a tentativa, pois como homens e mulheres, também as crianças foram abrigadas a trabalhar nas roças e contribuir com as suas fracas fôrças no desenvolvimento da Colônia. Não restava tempo para o ensino. Na falta de um pastor protestante, Moerikofer batizava os recém-nascidos e dava assistência religiosa aos domingos.

Em março de 1854, Moerikofer deixou a Colônia Dona Francisca e mudou-se, com seus filhos, para Paranaguá. Mais tarde, em 1866, encontramos Moerikofer na "Colônia Assunguy", participando do seu segundo casamento o nascimento de gêmeos.

Em continuação da primeira carta de Moerikofer, escrita antes da partida definitiva da barca "Colon" de Hamburgo, transcrevemos a carta do colono suíço Sebastian Weber, de Siblingen, Schaffhausen. Este relatório, com detalhes interessantes da viagem do veleiro, foi escrito durante a travessia e nos primeiros dias na Colônia Dona Francisca. A carta voltou com o "Colon" quando de regresso à Europa.

"Colônia Dona Francisca, 28 de março de 1851.

"Conforme a minha promessa verbal, envio-lhes as últimas notícias da nossa viagem e do local, onde se encontra a nossa Colônia. Antes de tudo devo participar-lhes a triste notícia do falecimento do meu bom irmão Conrad, a 25 de janeiro. Após uma enfermidade de 3 semanas, faleceu na altura de Lisboa e foi lançado no oceano profundo. Também da família de Johann Mueller faleceram duas pessoas, a sua mulher Ana e uma filha menor, Marie. A outra filha Ana ainda encontra-se gravemente doente. Da família Tanner faleceu a filhinha mais nova durante a viagem.

"Da nossa viagem quero relatar os acontecimentos: a 10 de novembro embarcamos a bordo do veleiro "Colon", ficando porém o navio retido durante 4 semanas em virtude de ventos

contrários. Finalmente, a 4 de janeiro ganhamos o mar alto e após alguns dias o Canal, onde pudemos ver Dover a duas milhas de distância. Bem ao longe via-se Calais. Breve perdemos tudo de vista, chegando ao oceano. Ventava muito nos próximos dias e no dia 20 de janeiro sobreveio uma tempestade que durou três dias. O uivar dos ventos e o bater das ondas nos assustou, pois tínhamos a impressão de que a violência do mar arrebataria o navio. Na nossa coberta inferior, as malas, móveis e utensílios foram jogados de um canto para outro pelo bater das ondas. O navio adernava de tal maneira que o capitão proibiu-nos de subir ao convés, para que não fôssemos arrastados pelas ondas.

Depois de três dias, a tempestade acalmou-se. Mesmo assim o mar continuou grosso e as ondas varriam o tombadilho. O cozinheiro não conseguiu fazer fogo e os passageiros somente comiam biscoitos e pão torrado embebido em chá frio. Finalmente o capitão liberou-nos da nossa prisão e pudemos respirar o ar fresco.

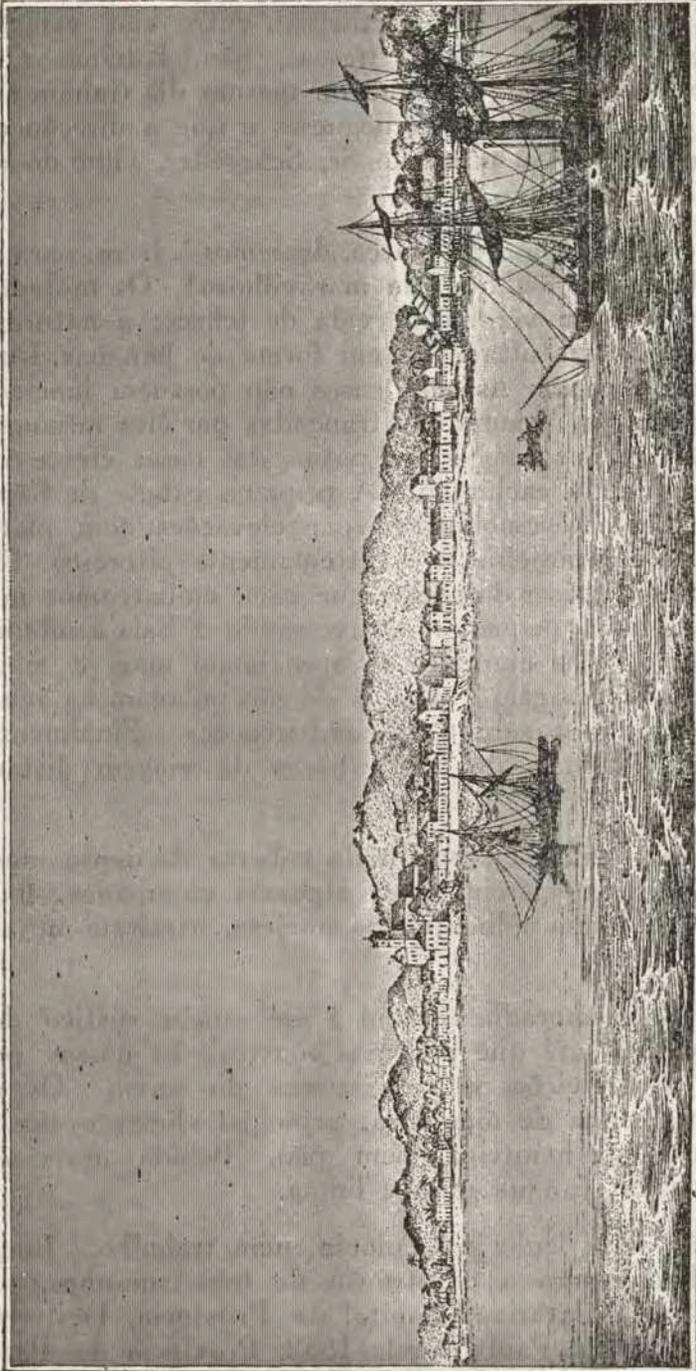
Durante a tempestade todos enjoaram. Eu e minha mulher sofremos durante três semanas. As provisões de mantimentos, como batatas, carne salgada e defumada, verduras e a água doce, levada em barris grandes, começaram a deteriorar-se, o que ainda mais tornou a vida amarga nas escuras e estreitas dependências do navio. Nos biscoitos criaram-se vermes e a estes juntavam-se inúmeros percevejos, pulgas, baratas e ratos.

Depois de passar pela Ilha da Madeira, a uma distância de três milhas, o tempo foi esplêndido durante o resto da travessia. Os marinheiros pescaram alguns peixes com arpão e depois um grande tubarão, usando um anzol de ferro, amarrando um pedaço de toucinho. Passamos, finalmente, a linha e não senti sob o equador os grandes calores de que tanto falam os marinheiros.

A 6 de março avistamos uma extensa e alta cadeia de montanhas. Que alegria! Entrando na baía de São Francisco, apreciamos um belo panorama sobre parte da cidade e as colinas esverdeadas com pequenas casas de pescadores nas praias. Finalmente o "Colon" ancorou no pequeno pôrto da cidade, às 6 horas da tarde do dia 6 de março e depois de viajarmos 61 dias.

Apenas ancorados, veio ao nosso encontro um bote que trazia o representante do Príncipe de Joinville, um médico (tra-

Rio de São Francisco.



Luca P. Scuteri e figli, in Lipsia.

Maria e Alvaro per A. Kucheluck.

*Cidade de Nossa Senhora da Graça, do Rio de São Francisco Xavier do Sul.
São Francisco do Sul.*

tava-se do médico francês, Dr. Deyrolles) e um prático, além de muitas outras pessoas. No dia seguinte, também vieram visitar-nos algumas senhoras de São Francisco, entre elas estava uma escrava negra, trazendo frutas frescas, pão, bananas e outros mantimentos, informando-nos que no mesmo dia tinham chegado do Rio de Janeiro mais 74 noruegueses e que a direção da Colônia passou do Sr. Guenther ao Sr. Schrceder, filho do senador Schroeder, de Hamburgo.

Domingo, dia 7 de março, descemos à terra, para grande satisfação de todos. Oh! que dia maravilhoso! Os moradores de São Francisco vivem verdadeira vida de felizes; a natureza lhes oferece a comida gratuitamente em forma de bananas, frutas diversas, peixes e caça. As suas casas não possuem janelas e são fechadas apenas por venezianas trançadas por êles mesmos. Ninguém trabalha e nas ruas e nos pátios das casas cresce o mato. As mulheres fumam cachimbo. A pequena cidade de São Francisco, junto à baía é emoldurada por elevações com plantações de bananeiras e laranjeiras, e é extremamente pitoresca. Ficamos entusiasmados e apesar da chuva que caía, embarcamos no dia 9 de março em botes pequenos, atravessando a baía e subindo, em seguida um rio cujas margens se aproximam mais e mais, tornando difícil a passagem. Alguns de nós pulavam na água para ajudar empurrando a subida das embarcações. Finalmente chegamos à Colônia, mais de 5.000 horas de viagem distante da nossa pátria.

Uma planície enorme, tôda coberta de densa mata virgem, uma pequena clareira com algumas choupanas, feitas de barro e cobertas com fôlhas de bananeiras, atraíram-me a atenção. É era só.

A nossa moradia comum é um rancho rústico de acomodação coletiva, até que podemos construir as nossas próprias habitações. As refeições são as mesmas do navio. Os demais não comiam farinha de mandioca, principal alimento dos brasileiros. Não existe manteiga, nem pão. Bebida apreciada, sobretudo no calor, é água pura e limpa.

Não falta lenha na Colônia, nem trabalho. Iniciaram-se as derrubadas para a construção de três caminhos, um em direção de Santa Catarina (Capital da Província, Desterro) um em direção de «São Paul» (desde 1852, Província do Paraná) e um caminho em direção da Serra Geral. São êstes os principais

empreendimentos da nossa Colônia que garantem um futuro próspero para os seus habitantes.

Pagamos 5 francos e 15 cts para o "Morgen" de mata virgem (2500 metros quadrados - 1 Morgen) com direito de 32 Morgen por pessoa. Mas que diferença triste, a mata tropical, os arbustos de mangue nas beiras pantanosas do rio, a floresta densa e fechada por todos os lados - e as ruas limpas com casas bonitas na nossa querida pátria, as estradas com fileiras de árvores, atravessando imensos terrenos e campos todos cultivados. Aqui não existem ainda vacas gordas e ovelhas nos pastos - somente mato, floresta e mais mata. Os poucos caminhos, aqui chamados de «Pikade», conduzem poucos metros mato a dentro e logo a densa vegetação impede os passos.

Mesmo assim estou confiante que, uma vez vencidas as dificuldades iniciais, a Colônia Dona Francisca haverá um desenvolvimento no próximo futuro.

Aguarda-se a partida do «Colon» que leva esta carta. Talvez que o próximo navio a chegar me traga notícias dos amigos de Siblingen. Enviamos abraços a todos amigos e parentes. As melhores recomendações da minha espôsa à Verena (trata-se de Verena Storrer, irmã da Sra. Weber)

ass. Sebastian Weber,

"Colônia Dona Francisca".

É este mais um documento valioso dos primeiros dias de Joinville. Na sua linguagem simples caracteriza a vida dos primeiros colonos, cheios de sacrifícios, renúncias e tristezas. Somente o firme propósito de criarem para os seus descendentes um novo lar mais farto em uma nova pátria mais generosa, deu-lhes o ânimo e a perseverança indispensáveis para vencerem tantas dificuldades e aflições.

Sebastian Weber, um simples colono de Siblingen, no Cantão Schaffhausen, da Suíça, veio a falecer a 24 de maio do mesmo ano de 1851, somente dois meses depois que a barca «Colon» levou a sua carta. Uma epidemia assaltou a nova Colônia, matando impiedosamente homens, mulheres e crianças. A ardua tarefa de colonizar exigiu daqueles humildes e anônimos pioneiros da civilização nas selvas marginais do Rio Cachoeira um elevado tributo. Aos seus esforços, à sua abnegação e tenacidade devemos hoje a existência da "Cidade dos Príncipes".

Um Prelado compreensivo e culto

Na página 134 do número 9, dêste tomo VII de «Blumenau em Cadernos» publicamos uma nota sob o título “Um fato lamentável”, tecendo alguns comentários sôbre a infeliz idéia da demolição da matriz de Nossa Senhora da Penha, na sede do município do mesmo nome, integrante da zona geo-econômica da Bacia do Itajaí.

A propósito desse artigo, recebemos do nosso estimado amigo, Oscar Gustavo Krueger, Inspetor escolar Municipal de Brusque, uma carta em que, entre outras considerações, adianta: “Por ser de fácil manuseio e assuntos palpitantes, jamais deixei para depois, a leitura de tão simpática revista, pois, dela aproveita-se bastante, para ter-se conhecimento do passado, presente e futuro do Vale do Itajaí e circunvizinhos municípios. . . Li o artigo inserto “Um fato lamentável” que bastante me chocou e cerro fileira ao lado do articulista. Lembrei-me de um destino, quase idêntico, que está reservado à belíssima “Capelinha Branca”, situada no alto, bem visível de muito ângulos, com expressão de querer abraçar a todos os fiéis. Essa capelinha branca está lá, em Itapema, fadada a desaparecer, não para dar lugar a outra igreja, pois a nova será construída em outro local, já comprado para êsse fim. A Capelinha branca vai ser demolida, conforme dizem, para se aproveitar os tijolos e o madeiramento velho. Conforme conversação que mantive com muitos moradores de Itapema, quando do veraneio em janeiro, êles insistem na permanência da capelinha, guieiro seguro quando a maioria, que é de pescadores, volta de suas jornadas diárias. Dizem êles que sentem uma satisfação imensa ao avistarem a capelinha branca que, com a sua imponência, estimula-os á árdua tarefa, rendendo graças ao Criador pelo fruto dos seus trabalhos”.

Tendo tido, além dessa, outras manifestações de solidariedade de leitores que temem pela demolição de outras capelas antigas, como a do São João da Armação de Itapocoróia, que data de 1759, escrevemos ao exmo. e Rvmo. sr. Arcebispo Dom Afonso Niehus, Administrador Apostólico da Arquidiocese de Florianópolis o qual, com o cavalherismo que lhe é inato, dignou-se responde-nos nos seguintes têrmos: “Em mãos a sua carta de 10 do corrente, acompanhada do N.º 9, Tomo VII de «Blumenau em Cadernos» em que, sob o título “Um fato lamentável”, V. Excia. reprova a demolição, há pouco verificada, da matriz da

paróquia de N. S^a. da Penha. E ao mesmo tempo pede minhas providências para que não venha suceder a mesma coisa com as capelas de Santo Antônio da Vila de Itapema e a de São João Batista de Armação, bem como a antiga matriz de Itajaí. Penso como V. Excia.: devem ser preservados os poucos monumentos históricos que temos em nosso Estado. Neste sentido já officiei aos vigários das respectivas paróquias a fim de que sejam mantidos de pé êsses tesouros da antiguidade catarinense. Fazendo votos pela sua saúde e felicidade, aproveito o ensejo para agradecer a valiosa cooperação e expressar minha estima pessoal e a mais alta consideração”.

Conhecendo, há vários anos, D. Afonso, espírito arejado e culto, não poderíamos esperar dêle outra coisa. E, aliás, por isso mesmo é que nos animáramos a escrever-lhe. S. Excia. conhece bem a influência dos monumentos históricos no culto ao passado, que não devemos deixar esmorecer no espírito do nosso povo. Um povo que respeita as suas tradições e preserva para a posteridade as testemunhas do seu passado glorioso, será sempre um povo com quem a pátria poderá contar nas horas de prosperidade ou de desventuras.

Agradecemos a atenção de Dom Afonso e, ao mesmo tempo que lhe apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos, pômos à disposição de S. Excia. Rvma. as páginas desta Revista.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

As minas de chumbo de Garcia começaram a ser exploradas por volta de 1928. No trabalho de Paulino Franco de Carvalho e Estevam Alves Pinto “Reconhecimento Geológico no Estado de Santa Catarina”, há interessantes dados a respeito.

Predestinado

(Irmão Joaquim do Livramento)

Fecundado no seio das estrêlas
Nos aureos reinos da Divina Essência
À terra foste conduzido pelas
Asas brancas da paz e da clemência.
A alva magnólia tão suave e doce
Não tem, decerto, as místicas fragrâncias
Que tua alma adorável do alto trouxe
Para aromar e confortar as âncias.
Bendito sejas nobre assinalado
Que já velhinho, trôpego e cansado
Mas incansável, depurando a dor,
Aos corações paupérimos, sem ninho,
Davas da Fé o delicioso vinho,
Depois de dar-lhes o alvo pão do Amor.

Octaviano Ramos

Numa homenagem à memória de João Octaviano Ramos, o inesquecível poeta que poderemos chamar blumenauense, pois aqui viveu a maior parte de sua preciosa existência, publicamos o soneto acima, de rara delicadeza e sensibilidade, dedicado ao beato fundador do Hospital de Caridade de Florianópolis.

Octaviano Ramos, foi, por muitos anos agente telegráfico de Indaial, tendo, depois, vindo ocupar o pòsto de agente postal-telegráfico desta cidade. Fundou, juntamente com J. Ferreira da Silva, o jornal "CIDADE DE BLUMENAU" que, por muitos anos aqui se publicou.

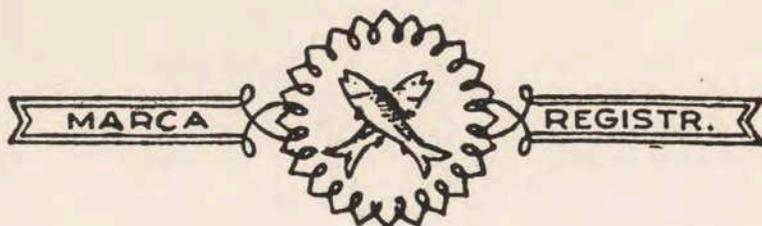
Integrante de uma geração de intelectuais dos mais brilhantes, Octaviano Ramos destacou-se pelos seus sonetos, perfeitos na forma e de grande delicadeza de sentimentos.

Seus versos: "Velando um berço", "Ascensão", "Irmãs de Caridade", "Bucolismo" e outros são, de extraordinária beleza,

As suas produções poéticas se encontram espalhadas por jornais e revistas da época.

INDÚSTRIA TÊXTIL
Companhia Hering

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — Brasil
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL, N.º 2
TELEGR.: «TRICOT»



FÁBRICA DE
ARTEFATOS DE MALHAS

Fundada em 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA



A SUA CASA